



Descentramentos: Jackson Macaxeira carnavalizando identidades

Tiago Alexandre dos Santos¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

tiagoxandee@gmail.com

ORIENTADOR: Roberto Marques²

Universidade Regional do Cariri-URCA

enleio@yahoo.com

Procura-se abordar alguns processos de deslocamentos e agenciamentos de identidades através de narrativas orais articuladas, expressas e negociadas pelo sujeito Francisco Cândido de Barros, popularmente conhecido na cidade de Barbalha-CE como Jackson Macaxeira. Memórias que se fazem e fazem ser durante os anos de 1900 e 2017 nos períodos de Carnaval na cidade. Pensamos assim identidades enquanto construções marcadas por processos intensos de modulações através das experiências. Jogos de identidades (HALL,2015) que possibilitam produções de vários corpos em um ser ou vários seres em um corpo, localizadas em espaços e tempos simbólicos e, portanto, específicos.

Pensando Códigos-territórios (DELEUZE *apud* PERLONGHER;2008), rede de sinais fornecidas, permitidas e comunicáveis em espaços delimitados, abstraímos as falas do nosso narrador e discutimos algumas formas personalísticas que este sujeito produz e apresenta para si e para os outros através de fantasias carnavalescas. De forma a constituir identidades transitórias e fugazes que deslocam aos sons das baterias das

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri.

² Professor do PPGS/UECE e do departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. Doutor em Antropologia Cultural pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da IFCS/UFRJ.



escolas de samba e das performatividades reivindicadas pelos personagens que o corpo se dispõe a (re)viver.

Quem é esse rapaz, que tanto androginiza, que tanto me convida pra carnavalizar?³

Jackson Macaxeira é um carnavalesco barbalhense. O nome “macaxeira”, revela ele, foi um apelido que lhe batizaram após uma queda com um balaio de macaxeira no Mercado Público Municipal onde sua tia, Dona Deca, possuía uma banca. Durante a queda ele disse que um sujeito chamado Izin de Maria de Moça, gritou: – *Macaxeira caiu!*– e complementa: –*E daí pegou*–. No início, Jackson diz não ter gostado, mas depois, durante a gravação de um filme sobre Padre Cícero, um sujeito passou e gritou: – *Macaxeira!*– Ele relata ter ficado irritado. Mas um dos atores presente no local apresentou-lhe alguns benefícios de ser “macaxeira”, e assim ele aprendeu a gostar.

O Carnaval é uma atividade ordinária da agenda brasileira. É nesse tempo que o extraordinário acontece sob um aval de permissibilidade característica da celebração. É nessa festa constituída por meio de ritos (CAVALCANTI, 2006) que nosso protagonista se insere e diz ser constituído. Para isso, ele embaralha suas experiências pessoais com datas da vida pública e símbolos da nação, ao anunciar:

Eu já nasci com sangue carnavalesco. Se eu tenho descendência indígena né, todo índio é um carnavalesco! Eu vejo isso! Para mim o índio é um carnaval.

Durante as conversas, Jackson nos surpreende com frases como:

Eu fui uma “Geni” na Barbalha, até pedra eu levei!

³ Trecho da música ‘Androginismo’ da banda ‘Almôndegas’.



Ou ainda: “- Ser assim como sou! -”. Ao longo de sua fala diz ainda: “- Quem é, é! E tem é mais é de assumir! Sair de dentro do armário! -”

Com isso, ele reitera seu local fora da práxis heteropatriarcal, branca, normatizadora. Estas frases, anunciadas do corpo de um homem negro, idoso, com uma performatividade hegemonicamente dita feminina e que (re)vive mulheres em representações carnavalescas, permitem interpretações que marcam a diferença e a possibilidade de reivindicação através de um movimento de fantasias que revelam, ativadas pelas nuances de permissibilidade do tempo-fluxo intenso, alegre e múltiplo (CAVALCANTI,2006) do carnaval.

Ao ser questionado sobre o que suas fantasias tentavam representar, Jackson nos diz:

Eu sempre, a minha ala mesmo, era a ala das baianas. Eu adorava ser baiana. Eu fui destaque da Asa Branca, em Juazeiro do Norte. Fui destaque na Barbasamba. Sempre eu era destaque de baiana! Fiz homenagem a Martha Rocha⁴ através da Dona Zuleica Faria nos Cordão dos Puxa Saco. Foi uma fantasia caríssima de baiana, toda estilizada com frutas, e tipo uma Carmem Miranda, mas estilizada da Martha Rocha.

Percebemos que, através de personagens e de performatividades ditas femininas (re)vividas em um corpo construído enquanto masculino é reivindicado o direito à diferença. É naquela roupa que é articulada e experimentada outra identidade, longe do olhar repressor e dos riscos que correria com aquela vestimenta em outro espaço/tempo. Essa fantasia nos revela a potencialidade do *poder ser*. É pois com aquela vestimenta que Macaxeira adquire *status*, é o tempo/espaço onde se pode aproveitar outros corpos,

⁴ Eleita em 1954 Miss Brasil, considerada naquele tempo a rainha da beleza brasileira.



outras roupas, é onde se rompe com as convenções hegemônicas da dicotomia permitido/proibido do tempo ordinário (GONTIJO, 2009).

A partir das falas de Jackson, pensamos a importância de produção sobre pessoas “como ele é”, em sua autodefinição ⁵. Tais produções visibilizam dissidências, espacialidades e temporalidades fora do ordinário, comum ou do hegemônico considerado correto.

A produção de conhecimento, assim como a da memória são trabalhos de organização com finalidades pessoais e/ou políticas (POLLAK.1992). A importância de se perceber identidades, como processos e possibilidades, tenciona enquadramentos e normatividades e permitem o dizer de outros lugares e a outras pessoas, tirando-as da “zona do não-ser” (FANON, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamentos; Identidades; Narrativas Oraís; Carnaval;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscara branca**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o Arco-Íris**: Homossexualidade e Carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

⁵ Jackson em nenhum momento das nossas conversas se disse, gay, entendido, dissidente, ou qualquer termo que tenda a nomear sujeitos não-heteros. Ele usa apenas a frase: “Ser assim, como sou”.



PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.